

A cobertura sobre o racismo no site GaúchaZH durante o mês da Consciência Negra

DEIVISON MOACIR CEZAR DE CAMPOS*
AMANDA IEGLI TECH**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as matérias publicadas no site *GaúchaZH* durante o mês da Consciência Negra. A partir das discussões sobre racismo e branquitude tensionadas pelos movimentos sociais, o trabalho busca entender de que maneira essas discussões aparecem dentro das 15 matérias publicadas. Pensando sobre o silenciamento de debates sobre racismo em um país onde se justifica que "aqui ninguém é branco" (SOVIK, 2009) na hora de se reconhecer a marginalização de povos não-brancos, analisar a maneira como o jornalismo aborda estas questões é fundamental, já que mais do que uma prática individual, o racismo também pode ser entendido como um conjunto de "estruturas de poder" (SCHUCMAN, 2014).

Palavras-chave: Branquitude; Representação; Linha editorial; Zero Hora.

The news about racism on the Gaúcha ZH website during the Black Consciousness month

Abstract: The present work aims to analyze the material published on the site *GaúchaZH* during the month of Black Consciousness. From the discussions on racism and whiteness from 15 published articles. Thinking about the silencing of debates regarding racism in a country in which it is justified that "here nobody is white" (SOVIK, 2009) when recognizing the marginalization of non-white people, analyzing how journalism addresses these issues is fundamental, given that, more than an individual practices, racism can also be understood as a set of "power structures" (SCHUCMAN, 2014).

Key words: Whiteness; Representation; Editorial line; Zero Hora.



* **DEIVISON MOACIR CEZAR DE CAMPOS** é Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação e nos cursos de Comunicação da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra/Canoas). Jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos) e Doutorando em História (UFRGS).



** **AMANDA IEGLI TECH** é Jornalista e mestrande no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS-UFRGS).



Jacarezinho, 2021, acrílica sobre tela - Renata Campos (@re.agri)

1. Introdução

As discussões sobre racismo e racialização na mídia tem se tornado mais comum nos últimos anos. Ao encontro disso, pesquisadores têm apontado para a questão da branquitude na mídia, descrevendo branquitude como uma "prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente" (SOVIK, 2009).

O jornal Zero Hora é principal empresa de jornalismo impresso no Rio Grande do Sul. A credibilidade e reconhecimento do jornal está vinculada ao fato de fazer parte do Grupo Rede

Brasil Sul de Comunicações (RBS), maior afiliada da Rede Globo, maior emissora do país. (BERGER, 1996). O jornal foi criado a partir do Última Hora, cuja circulação cessou com o golpe militar de 1964.

Atualmente, além da edição impressa, o jornal tem uma página no facebook na qual divulga as principais matérias do dia (além de outras redes sociais) e um site que reúne todas as matérias da edição impressa, mais matérias especiais. Em 2017, o site do Jornal Zero Hora se uniu com o site da Rádio Gaúcha, também do Grupo RBS, tornando-se o *GaúchaZH*, objeto desta pesquisa.

Durante o mês de Novembro, mês da Consciência Negra, o site do jornal Zero Hora publicou 15 matérias no total com a *tag racismo*. Desde notícias sobre racismo sofrido por famosos até uma coluna de opinião falando sobre a importância de reconhecer os privilégios de ser branco, as matérias mostram diferentes nuances sobre o racismo brasileiro sem, diretamente, discuti-lo.

A partir das discussões de racismo e sobre como um jornal de grande porte repercute, se busca compreender como jornalistas abordam a questão do racismo visto os problemas brasileiros de se reconhecer o problema, seguindo o mito da democracia racial. Stuart Hall, são os media [jornalistas] que "apresentam a primeira, e muitas vezes a única, fonte de informação acerca de muitos acontecimentos e questões importantes" (HALL 1993). Entretanto, dentro da própria estrutura do jornalismo, há um sistema de hierarquia de credibilidade, que faz com que jornalistas, sem querer, reproduzam uma estrutura de poder existente na sociedade. Apesar de, atualmente, o jornalismo dificilmente ser a única fonte de informação, como abordou Hall, o jornalismo segue sendo um importante espaço de legitimação das discussões.

Tal reprodução de uma estrutura dominante no jornalismo dialoga com o que Liv Sovik chama de "articulação silenciosa da hegemonia branca" (SOVIK, 2009). Essa articulação se dá através de discursos que silenciam a questão do negro e do racismo no Brasil partindo da ideia de que "aqui ninguém é branco" (2009), "somos todos humanos". Sendo o Rio Grande do Sul um estado que, através de discursos midiáticos, se coloca como diferenciado em relação ao restante do país por sua tradição conservadora e imigração europeia, essa ideia que nega que existe uma diferença

entre negros e brancos no país é contraditória.

O objetivo deste trabalho é analisar como o site *GaúchaZH* discute racismo durante o mês da consciência negra a partir das publicações com a *tag racismo*. Para isso, os conceitos articuladores da pesquisa são o de branquitude e linha editorial. O primeiro deles é o de branquitude, a partir das pesquisas de Sovik (2009), que discute a branquitude na mídia brasileira e de Schucman, que aponta para a importância de não olhar o racismo como um ato isolado e particular, mas pensar no racismo como "estruturas de poder com particularidades de cada sociedade em questão" (SCHUCMAN, 2014. pg. 57).

Ao encontro disso, o estudo feito por Stuart Hall sobre a cobertura da mídia no "caso dos mugging" também será utilizado. Hall faz uma importante discussão sobre jornalismo e sobre o quanto as estruturas organizacionais da mídia acabam contribuindo para a propagação de discursos hegemônicos.

O trabalho está dividido em duas sessões. Na primeira, há uma apresentação teórica sobre o conceito de branquitude e a questão da relevância do site *GaúchaZH* no Rio Grande do Sul. Depois, há um panorama sobre como a *tag racismo* foi apresentada ao longo do ano de 2017 e um aprofundamento no mês de novembro, mês da Consciência Negra, que é onde a análise está focada.

2. Branquitude

Os estudos críticos da branquitude surgiram nos Estados Unidos a partir dos anos 90. Até então, as discussões sobre raça e racismo não abordavam a questão da não-racialização do branco, que sempre foi visto como norma. É a partir deste momento que os "olhares acadêmicos das ciências sociais e

humanas se deslocaram dos 'outros' racializados para o centro sobre o qual foi construída a noção de raça, ou seja, para os brancos" (SCHUCMAN, 2014, apud CARDOSO, 2008).

Para Liv Sovik, a branquitude é um "atributo de quem ocupa um lugar social no alto da pirâmide, é uma prática social e o exercício de uma função que reforça e reproduz instituições, é um lugar de fala para o qual uma certa aparência é condição suficiente" (2009). Num país como o Brasil, por exemplo, no qual de 30 mil homicídios por ano, 77% são negros, discursos que ignoraram informações que escancaram o racismo e marginalização de negros no país e relativizam esta situação por parte de pessoas brancas, são discursos que contribuem para a branquitude.

Apesar dos estudos críticos da branquitude datarem da década de 90 nos Estados Unidos, há diversos estudos anteriores com discussões que já se direcionava para este tema. Em 1935, W. E. B. Du Bois fez uma análise da classe trabalhadora branca norte-americana do século XIX em comparação com trabalhadores negros. Em outro estudo intitulado "The souls of white folk" é visto como um dos primeiros escritos que dá estofamento para uma teorização sobre o que conhecemos hoje como branquitude (SCHUCMAN, 2014).

Franz Fanon (1980) também é reconhecido por ter trazido a questão da identidade racial branca antes do surgimento dos estudos críticos sobre a branquitude. O autor discute não só raça, mas a relação entre colonizador e colonizados como "categorias importante na/para de entender a constituição de subjetividades de sujeitos brancos e negros em relação" (SCHUCMAN, 2014, p. 51). Para Fanon, o racismo não é apenas uma

manifestação individual, mas cultural e estrutural.

No Brasil, é possível encontrar elementos do conceito da branquitude em Guerreiro Ramos muito antes dos estudos críticos da branquitude terem tomado forma no início dos anos 90. Em 1957, Guerreiro Ramos escreve:

Até aqui se tem falado numa antropologia e numa sociologia do negro. Hoje, condições objetivas da sociedade brasileira colocam o problema do "branco" e aqueles estudos "antropológicos" e "sociológicos" rapidamente perdem a atualidade [...]. No plano ideológico, é dominante ainda a brancura como critério de estética social (Ramos, 1957, p. 216).

Além disso, Ramos descreve como "patologia social do branco brasileiro" o fato de que brancos consideram vergonhosas sua ancestralidade e culturas negras, enquanto enaltecem a cultura europeia/branca, da qual sequer fazem inteiramente parte. A partir disso, pode-se dizer que este enaltecimento (da relação com a cultura europeia) e apagamento da cultura negra se dá não só individualmente, mas também através de discursos midiáticos. Tal conclusão vai ao encontro do que Sovik (2009) pontua sobre branquitude e meios de comunicação "A branquitude não é genética, mas uma questão de imagem: mais um motivo pelo qual é um problema que se coloca na cultura dos meios de comunicação"(SOVIK, 2009, p. 36).

Pensando sobre a identidade racial branca, Edith Piza (2002) e Ruth Frankenberg (1999) destacam que a principal característica seria a invisibilidade desta como raça, pois os indivíduos sequer se percebem como racializados.

Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais para uns, e a neutralidade racial para outros. As consequências dessa visibilidade para negros são bem conhecidas, mas a neutralidade do branco é dada como “natural”, já que ele é o modelo paradigmático de aparência e de condição humana. (Piza, 2003, o. 72).

Sobre privilégios, Hasenbalg (1979) aponta que brancos se beneficiam com as opressões raciais. Não só os brancos que expressam racismo, como aqueles que se dizem antirracistas também. Estes benefícios são externos ao indivíduo, de modo que não ocorre de maneira só direta, como estrutural. Ser branco é deter privilégio.

Brancos tem vantagens tanto com a opressão racial quanto com o racismo, pois são os mecanismos racistas que fazem com que a população branca tenha vantagem no preenchimento das posições da estrutura de classes que comportam privilégios materiais e simbólicos mais desejados. (Schucman, 2014, p. 61 apud Hasenbalg, 1979, p. 1118).

Liv Sovik escreve sobre o quanto a mestiçagem está presente na mídia. Entretanto, estes discursos se contrariam, pois ao mesmo tempo que salientam a mestiçagem para alimentar a ideia de que todos são iguais, os meios de comunicação e produtos culturais veiculam a cultura hegemônica. "O resultado, em geral, é de aparência branca, exatamente porque a branquitude continua sendo uma espécie de projeto para a Nação, uma auto-imagem positiva" (SOVIK, 2002, p. 7). Ela continua:

No universo da mídia brasileira, a branquitude é um pólo de

identificação, mesmo quando a palavra “branco” não é pronunciada. A branquitude brasileira pode ser concebida, então, como uma função ou papel social, como um valor ou ideal na mídia e como um problema ou território a ser explorado, na teoria. (SOVIK, 2002, p. 9).

Discutindo sobre a presença massiva de brancos na televisão, Sovik (2002) ainda cita a novela Porto dos Milagres (2001) como exemplo de narrativas que embranquecem personagens para o audiovisual. O tema da discussão trazida pela autora em 2002 ainda é pauta em 2018. Assim que a novela O Segundo Sol (2018) foi lançada, intelectuais do movimento negro questionaram as escolhas de personagens brancos como protagonistas em uma narrativa que se passa em Salvador, capital da Bahia (quarto estado com maior percentual de população negra no país – 80,3%).

Entretanto, os questionamentos sobre a ausência de negros e negras na mídia são frequentemente justificados pela ideia, já mencionada, de mestiçagem. Esse discurso tão presente no cotidiano brasileiro serve, no final das contas, para silenciar debates sobre racismo. Afinal de contas, ainda segundo Sovik, este discurso "não significa que os setores dominantes se imaginam como não brancos", assim como reconhecer isto "não desbanca os brancos da classe dominante". Ao encontro disso, Munanga (2018) comenta que no Brasil, "o que se tem é o uso político da mestiçagem, numa proposta clara de dividir oprimidos e continuar a dominar". O antropólogo usa o Rio Grande do Sul como exemplo:

Se defendia que o Brasil não era racista, porque somos um povo mestiço. Não tem mais negro, não tem índio, não tem branco... Mas vai lá no Sul do Brasil e diz para os gaúchos que eles são mestiços. Eles

vão dizer que são brancos! Então não dá para dizer que todo mundo é mestiço... (MUNANGA, 2018, entrevista).

O estado do Rio Grande do Sul historicamente reproduz discursos de diferenciação em relação ao resto do país pela tradição conservadora que se opõe ao restante do Brasil e pela influência de imigrantes europeus na história, formação e cotidiano dos gaúchos. Este imaginário se perpetua através de discursos orais e midiáticos.

Os discursos sobre identidade gaúcha no Rio Grande do Sul, propagados para o restante do país, contribuem para uma representação limitada do gaúcho. O tradicionalismo reproduz um tipo específico de gaúcho que é o homem rural, que vive na região da campanha e tem hábitos específicos de consumo, como chimarrão, churrasco e música tradicionalista. Sobre a imagem do gaúcho, Rubens George Oliven destaca que:

Trata-se de uma construção de identidade que exclui mais que inclui, deixando fora a metade do território sul-rio-grandense e grande parte de seus grupos sociais. Apesar do enfraquecimento da região sul do estado, da notável projeção econômica e política dos descendentes dos colonos de origem alemã e italiana que desenvolveram a região norte, da urbanização e da industrialização, o tipo representativo do Rio Grande do Sul continua a ser a figura do gaúcho da Campanha como teria existido no passado. Se a construção dessa identidade tende a exaltar a figura do gaúcho em detrimento dos descendentes dos colonos alemães e italianos, ela o faz de modo mais excludente ainda em relação ao negro e ao índio que aparecem no nível das 22 representações de uma

forma extremamente pálida (Oliven, 1992, p. 100).

É possível pensar que a exclusão de negros e a criação de um mito sobre o gaúcho que ignora a importância de negros e negras na história do Rio Grande do Sul está de acordo com o que Guerreiro Ramos definiu como "patologia do branco brasileiro", pois, ao mesmo tempo que apaga a importância dos negros, enaltece a imigração europeia e sua influência na cultura gaúcha.

Além de as mídias no Rio Grande do Sul serem um dos canais por onde se reforça esta imagem, a presença de discussões sobre raça e racismo nestes espaços é pequena. Quando se evidenciam as problemáticas em torno da exclusão de negros e também indígenas na história do estado, ou marginalização desses grupos minoritários, a miscigenação, de novo, aparece como justificativa para não se debater, pois o racismo estaria justamente em discutir a ideia de raça.

Falar sobre a presença da branquitude na mídia pode não ser tão simples, considerando que não há um consenso específico sobre o conceito. Porém, todas as definições consideram a relação entre o conceito e o contexto, reconhecendo que este surge através de processos históricos (SOVIK, 2002). A partir disso, o trabalho busca olhar para a mídia e seus discursos em sociedade para entender como a branquitude opera nas construções sociais da contemporaneidade.

3. Regionalismo no site GaúchaZH

O site *GaúchaZH* é resultado da junção entre os sites do impresso Zero Hora e da rádio Gaúcha que ocorreu em 2017. Além de reunir o conteúdo transmitido na rádio e impresso no jornal, o site conta com uma série de publicações específicas para internet disponíveis

tanto para acesso via facebook como acesso exclusivo para assinantes. Apesar disso, grande parte do que é apurado e produzido ocorre dentro de uma mesma redação - que é a redação do jornal Zero Hora - seguindo os mesmos critérios que as publicações seguem desde sua origem. Portanto, conhecer o jornal Zero Hora bem como o Grupo RBS de modo geral torna-se necessário para compreender o jornalismo produzido.

Historicamente, a Zero Hora surgiu da compra, feita pela família Sirotsky, do espólio do jornal Última Hora, fechado após o Golpe Militar. O jornal teve sua primeira edição publicada no dia 4 de maio de 1964. Em seu primeiro editorial, publicou que "nasce hoje um novo jornal. Autenticamente gaúcho. Democrático. Sem compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades" (BERGER, 1996). Surge, portanto, com um viés regional, considerando como público o povo gaúcho.

Ainda na década de 60, a família Sirotsky, adquire a TV Gaúcha que logo afilia-se à Rede Globo. Essa projeção no mercado televisivo possibilita que "em 1970, [a família] adquire o controle total do jornal, que já se denomina Zero Hora, formando o complexo de comunicação Rede Brasil Sul (RBS), expandindo suas rádios, emissoras de tevê e jornais pelo interior e em Santa Catarina." (BERGER, 1996).

Sobre a RBS TV, Santos (1999) escreve que se constitui dentro deste modelo no qual o foco é uma produção massiva de entretenimento e informação. No final das contas, se constituiu uma

"hegemonia comunicacional da RBS no Rio Grande do Sul (e mais tarde em Santa Catarina)" (FELIPPI, 2007) e até mesmo uma "indústria cultural gaúcha".

Essa liderança no mercado de rádio e televisão auxiliou no crescimento do jornal, principalmente com a crise da Empresa Caldas Junior e, conseqüentemente do Correio do Povo, a partir do final dos anos 80, tornando o jornal Zero Hora o impresso de referência:

No caso de Zero Hora, no processo de anulação da concorrência, transformando-se em "o jornal gaúcho" cujo poder está mais na condição de poder-dizer do que no próprio dizer. Logo, na enunciação, mais que no enunciado, tendo conquistado o status de "a fonte da informação", mediando, assim, o acesso dos leitores gaúchos à realidade (BERGER, 1996).

Institucionalmente, o Grupo RBS escreve que "existe para conectar os gaúchos e para contribuir com uma vida melhor". Em seu Manifesto de 60 anos¹ (2018) de existência o grupo ainda escreve que:

ao informar, entreter e mostrar ao público o que está acontecendo em sua comunidade, a RBS foi mais do que agente de mudança. Contribuiu para que as pessoas mudassem o mundo. A vida mudou e continua mudando. Estamos sempre em evolução. A RBS vai estar atenta, disposta a ver, ouvir e refletir essa mudança. Sempre junto das pessoas. Compartilhando experiências. Aprendendo com elas. Transformando-se. Essa é a nossa essência. O Grupo RBS existe para conectar os gaúchos e para contribuir com uma vida melhor.

¹ Disponível em:

<<http://www.gruporbs.com.br/manifesto-60-anos/>>.

Nunca nos sentimos tão interligados. Temos muito assunto para pensar juntos. Temos muita coisa para viver juntos.

A maneira como o Grupo RBS se apresenta, portanto, evidencia o que Tetu (2002), falando sobre o jornal Zero Hora, pontua como uma estratégia de distinção dos demais veículos de comunicação do país: uma tentativa de ser representante “à imagem apenas de seus leitores” (p.439), uma marca de territorialização. No próprio manifesto isso aparece de maneira clara quando a RBS escreve que “cada gaúcho que, em algum momento, parou para ver, ouvir ou ler o que a RBS produzia não estava vendo, ouvindo e lendo a RBS: estava vendo, ouvindo e lendo sobre si mesmo” (GRUPO RBS, 2018).

A instituição não só se apropria da ideia de gaúcho para ser representante dos que nascem no RS, como usa o localismo para definir o que será publicado ou não. Entende-se por localismo acontecimentos que ocorrem dentro do Rio Grande do Sul, bem como o que acontece fora, mas tem alguma relação com o estado, ou que envolve pessoas nascidas no RS.

Felippi (2007) escreveu sobre localismo no jornal Zero Hora e destacou a fala da editora-chefe Marta Gleich, que segue neste posto em 2018, falando sobre a importância do que Tetu (2002) chamou de “territorialização forçada”: “Se o jornal não entregar um produto que leitor lê e se enxerga, e enxerga o seu vizinho, enxerga suas questões culturais refletidas no jornal ele não vai comprar, ele vai ler outro jornal, não vai servir” (SILVA, 2015).

Até aqui, destaca-se que o jornalismo produzido pelo grupo segue este princípio de) territorialização e localismo. Ou seja, visto a credibilidade e força que o jornalismo tem no Rio

Grande do Sul, este discurso de representação dos próprios gaúchos contribui para que consumidores entendam que se tem gaúcho no fato, será noticiado, os fatos noticiados sempre serão na perspectiva “nós” - gaúchos - e “eles” e se não consta Rio Grande do Sul ou gaúchos na notícia, entende-se, intrinsecamente, que a notícia não é sobre o que se vive no estado.

O Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística do Grupo RBS (2011) corrobora com todas as definições institucionais da empresa. É possível identificar elementos que compõe uma cultura profissional com princípios éticos, valores, símbolos, mitos e normas compartilhadas, seguindo a ideia de “comunidade interpretativa transnacional” (Traquina, 2004), ou seja, uma maneira de olhar para os acontecimentos a partir desta cultura da redação.

A partir da redação do jornal e site da Zero Hora, é possível identificar que, conforme Traquina (2004), existe ali uma cultura que deixa traços muito específicos no em ambas plataformas, que se efetiva em boa medida a partir dos valores-notícia. Estes valores-notícia definirão o que é mais importante ser noticiado e como. Notícias que tem mais noticiabilidade tendem a receber uma cobertura mais aprofundada, exigindo mais esforço da redação enquanto instituição que dá suporte para o repórter e do repórter em si.

Dentro deste atual cenário de era da informação, os jornalistas têm uma pressão cada vez maior de produzir uma grande quantidade de matérias que gerem engajamento positivo. Entretanto, a maneira como acontecimentos são noticiados ainda é muito importante para o entendimento geral dos leitores sobre

determinado assunto e legitimação deste assunto.

Stuart Hall (1993) escreve que "aos media cabe a tarefa de tornar compreensível o que chamaríamos de realidade problemática" (p. 228). Ou seja, o jornalista enquanto profissional deve ter cuidado ao noticiar acontecimentos, pois pode influenciar na maneira como as pessoas olham para o fato. A pressa na produção pode fazer com que seja produzido

um exagerado acesso sistematicamente estruturado aos media por parte dos que detêm posições institucionalizadas privilegiadas. Deste modo, os media tendem, fiel e imparcialmente, a reproduzir simbolicamente a estrutura de poder existente na ordem institucional da sociedade (HALL, 1993, p. 228).

Na era da informação e das fake news, o jornalista pode não ser o primeiro a dar a informação e/ou nem o único. Porém, com o grande número de informação que os usuários encontram sobre o mesmo assunto na internet, cabe ao jornalista, muitas vezes, o papel de curador das informações.

Neste contexto, os debates em torno de racismo podem estar presentes nas redes sociais com as mais diversas pessoas falando sobre. Entretanto, isto não isenta o jornalismo e os jornalistas de seguir os mesmos critérios para falar sobre racismo em um jornal, como para falar sobre o tradicionalismo gaúcho, por exemplo.

De modo geral, as discussões sobre raça não aparecem com tanta frequência na grande mídia. O jornalista Ali Kamel (2006), diretor de jornalismo da Rede Globo de quem o Grupo RBS é emissora afiliada, escreveu sobre raças defendendo que separar uma nação entre

brancos e negros contribui para o crescimento do racismo.

O livro de Kamel (2006) se justifica dentro do que Munanga (2018) e Sovik (2009) referem sobre o uso da mestiçagem como justificativa para não debater a questão do racismo, seguindo o mito da democracia racial. Porém, o Rio Grande do Sul é um estado que nem reconhece este mito em sua história, pois há, de fato, um apagamento de negros e negras da história gaúcha. Logo, não há o mito de que gaúchos brancos e negros convivem harmoniosamente no estado pois sequer se considera a existência mais massiva de negros.

Frequentemente, enfatiza-se a formação ítalo e teuto-brasileira do Rio Grande do Sul e o valor da imigração europeia. Simultaneamente omite-se a presença do negro (Barcellos, 1996). A elaboração do imaginário gaúcho sobre si mesmo exclui o negro dos estudos históricos e da própria sociedade.

A partir disso, a presente pesquisa investiga como o principal jornal do Rio Grande do Sul noticia as matérias cujo tema é o racismo.

4. A produção de notícia sobre a questão racial em GaúchaZH

O jornal Zero Hora tem em seu sistema de arquivos de notícias a *tag racismo*. A partir desta *tag* é possível encontrar todas as notícias que foram publicadas no jornal impresso ou no site que abordem esta questão.

Em 2017, foram publicadas 62 matérias com a *tag racismo*. Destas, pelo menos 11 foram matérias de agências de notícias, geralmente sobre futebol. O racialismo começa por quem produz: 25 jornalistas brancos, entre homens e mulheres, publicaram matérias sobre racismo. Entre os jornalistas, três mulheres brancas escreveram colunas de opinião.

Apenas dois materiais foram produzidos por jornalistas negros. O primeiro foi uma reportagem especial – sobre o lançamento do filme Caso do Homem Errado. A reportagem fala de Júlio César de Melo Pinto, um operário negro que foi executado pela polícia por "engano" na década de 80 em Porto Alegre. O segundo material produzido foi uma coluna de opinião escrita por Manoel Soares². Nenhum deles tendo sido publicado no mês de novembro ou em alusão ao mês da consciência negra. Não há nenhum material assinado por jornalista negra.

De modo geral, a maior parte das notícias (11) que recebeu a *tag* tratava da questão de racismo no futebol. Estas matérias quase sempre foram escritas em forma de notas, produzidas por agências de notícia, sem assinatura e sem muito aprofundamento sobre a discussão. Entretanto, o descaso com o tema chama atenção já que, segundo dados do Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2017 teve 43 casos de racismo e o Rio Grande do Sul ficou em primeiro lugar com 10 casos de racismo no futebol. Não há nenhuma matéria que mencione isso³. Além disso, segundo dados da Secretaria dos Direitos Humanos do Governo Federal, em um ano, as denúncias de racismo no Rio Grande do Sul cresceram 250%⁴. É importante ressaltar, desde já, que não há nenhuma notícia sobre denúncia ou crime de racismo no Rio Grande do Sul

publicada no ano de 2017 com a *tag* racismo.

4.1 Racismo e mês da consciência negra

Foram publicadas 15 matérias com a *tag* racismo durante o mês da consciência negra⁵. A maioria - sete matérias - são desdobramento de um caso de racismo que aconteceu contra a filha de um casal de atores famosos que trabalha na Rede Globo. A menina, Titi, foi vítima de um vídeo no qual foi chamada de “macaca” por uma mulher conhecida como *socialite*. Além do caso Titi, foram publicadas três matérias sobre o caso da ocupação de estudantes na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) após casos de racismo. O restante das matérias é isolada entre si.

O primeiro ponto que se destaca ao analisar as matérias publicadas no site é que, a partir delas, é possível entender que a maioria dos casos de racismo ocorrem apenas contra famosos. A temática é tratada de forma superficial e isolada, como uma conduta indevida. Por exemplo, há uma matéria que conta o caso do ator negro Diogo Cintra que foi assaltado, confundido com o assaltante e espancado por um segurança⁶. A violência ocorreu em São Paulo. Também há o caso da atriz negra Taís Araújo que sofreu racismo após publicar uma foto com o cabelo natural, que é crespo, em suas redes sociais⁷.

² Manoel Soares, agora ex-repórter da RBS TV, é conhecido por ser o jornalista que fazia pautas sobre periferia e questões étnico-raciais quase que exclusivamente.

³ Disponível em: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/dia-da-consciencia-negra-ha-mais-denuncias-de-racismo-no-futebol-o-pacto-de-silencio-foi-quebrado/>.

⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/rio-grande-do->

[sul/denuncia-de-racismo-cresce-250-no-rio-grande-do-sul-em-um-ano/](http://denuncia-de-racismo-cresce-250-no-rio-grande-do-sul-em-um-ano/).

⁵ A tabela com as matérias está no apêndice.

⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/11/ator-negro-e-assaltado-tido-como-ladrao-e-espancado-no-centro-de-sao-paulo-cja5zdep5001j01pqoxl0yvrz.html>.

⁷ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/apos-sofrer-ataques-racistas-em-rede-social-tais-araujo-sera-ouvida->

Os dois casos são graves, mas nenhum recebeu qualquer tipo de aprofundamento. As matérias não são assinadas por nenhum jornalista e ambas abrem o título com o termo “preconceito”, que não deixa de estar correto, mas contribui para minimizar os atos como crime, que é o que são. Outro ponto que chama atenção é a falta de fontes para tratar dos tipos de racismo, por exemplo. As matérias são curtas, uma apresenta uma nota da companhia que emprega o segurança que agrediu o ator; a outra apresenta nota da Polícia Civil que ia investigar o caso de racismo contra Taís. A fala dos atores negros que sofreram racismo aparece a partir de um recorte do que publicaram em suas redes sociais. Não houve entrevista. As matérias também não fazem menção entre si, no sentido de não reconhecer que, em poucos dias, dois atores sofreram discriminação - no caso, dois famosos.

Este silenciamento e apagamento da discussão dialoga com o que Sovik (2009) descreve como “articulação silenciosa da branquitude”, pois afasta negros e negras gaúchos, por exemplo, de terem contato com as complexidades do racismo. Além disso, trata como mero “insulto”, conforme termo utilizado em uma das matérias, algo que é descrito pela legislação brasileira como crime.

Ao mesmo tempo em que se silencia a questão de racismo quando as vítimas o denunciam em suas redes sociais, o site evidência quando o negro que sofre com racismo lida com isso de maneira “leve”. A matéria com o ator Serjão Loroza traz essa questão desde seu título até a legenda da foto utilizada pela jornalista

que o entrevistou. Em meio ao mês da Consciência Negra, que durante a entrevista não foi citado em nenhum momento, a matéria gira em torno do personagem do ator que em uma novela é um escravizado que sabe lidar muito bem com as “barbaridades” dos seus senhores⁸.

Na entrevista, a repórter faz um paralelo entre a maneira como o personagem lida com a sua situação de escravizado, que ela descreve como “escravo”, e com a maneira como o próprio ator lida com os casos de racismo que já viveu. O título da matéria “SINAL ABERTO: Serjão Loroza dá tapa de luva em racismo: ‘Sou um crioulo de sorte’” vai ao encontro do que intelectuais negros têm chamado de “síndrome do bom crioulo”⁹. A escritora Juliana Borges define o termo:

Significa dizer que muitos brancos, por mais esforçados que se mostrem em suas desconstruções, uma hora ou outra vão cair na síndrome – que uso menos com o caráter patológico e mais comportamental. Enquanto somos os negros legais e gentis, está tudo certo. Somos os “bons-crioulos”, que terão a fala mansa, serão contidos, calmos e terão toda a paciência para conviver sob aquela situação que, na verdade, encoberta a persistente submissão racista. Enquanto aplaudimos o esforço branco, explicamos, reexplicamos, explicamos novamente, como se fossemos professores persistentes e que têm como tarefa ajudar a alma branca a se regenerar, está tudo ótimo. Ao passo que nos insurgimos, que apontamos erros, que questionamos, toma lugar a narrativa do estereótipo, da figura

[pela-policia-civil-cjabco5205w501np9yne5s93.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/cjabcog5205w501np9yne5s93.html)>

⁸ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cjabcog5205w501np9yne5s93.html>>

[tapa-de-luva-em-racismo-sou-um-crioulo-de-sorte-cj9sxt2ca00an01o88189j2fo.html](https://www.revistaforum.com.br/sindrome-do-bom-crioulo/)>.

⁹ Disponível em:

<<https://www.revistaforum.com.br/sindrome-do-bom-crioulo/>>.

do negro “naturalmente” brutal e raivoso. (BORGES, 2018).

Na legenda da foto do ator, a jornalista escreveu “A melhor resposta para o preconceito”, mais uma vez seguindo o que o site faz ao tratar o racismo meramente como um tipo de preconceito, desqualificando o crime e atribuindo juízo, enquanto jornalista branca, de como seria a maneira mais correta de se lidar com racismo. Os atores que sofreram racismo e falaram sobre isso não tiveram as matérias sequer assinadas pelo veículo, enquanto o ator que se recusa a falar dos males do racismo e tenta ver as coisas pelo lado bom e pelos avanços que o movimento negro já teve, é tratado como quem dá um “tapa de luva” no racismo.

Uma das coisas que influenciam para a desqualificação do crime é o fato de, quando o veículo aborda quem cometeu o crime, o faz de maneira muito caricata, descrevendo-o como um vilão, ou um desequilibrado. Um texto de opinião sobre a novela transmitida pela Rede Globo trata o racismo como algo “polêmico” e critica o autor da novela por estar “pesando a mão” na maneira como racismo é abordado. Na trama, a vilã rica faz vários comentários abertamente racistas em relação a uma personagem negra.

A jornalista comenta “O que incomoda é que, na vida real, o preconceito não é tão escancarado. Os diálogos de Walcyr passam longe da hipocrisia que costuma rodear esses assuntos. É tudo direto, na lata, sem rodeios”¹⁰. Há diversos pontos

¹⁰ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2017/11/michele-vaz-pradella-muitas-polemicas-pouca-sutileza-cja2g2w9r01la01tbummw90vi.html>>.

¹¹ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/socialite-ofende-de-forma-racista-filha-de-giovanna-ewbank-e->

para se analisar na fala da jornalista, mas os dois principais são o distanciamento da jornalista com as próprias notícias que o site, no qual ela trabalha, publica. Isso porque o caso de racismo, sofrido pela menina Titi, filha de dois atores da mesma emissora, é exatamente um caso “escancarado”¹¹, inclusive com falas e pontos muitos parecidos entre a personagem da novela e a *socialite*. O segundo ponto é, mais uma vez, tratar o tema meramente como algo polêmico.

Essa narrativa de que quem comete o crime é necessariamente uma pessoa desequilibrada, invejosa e com características de vilã contribuem para o enfraquecimento do debate. Outro ponto que chama atenção é que, ao que parece, para que o racismo seja encarado como algo grave, é preciso que brancos estejam envolvidos e legitimem o caso. Como no caso de Titi, uma criança negra que nasceu em Malawi e foi adotada por um casal de atores brancos brasileiros.

O caso Titi é um dos casos mais marcantes no período analisado pela maneira como foi abordado. A mulher que cometeu o crime foi representada como alguém extravagante e polêmica, afastando mais a ideia de que qualquer um pode ser racista num país cuja democracia racial é um mito. Inclusive, uma das matérias publicadas no mês da Consciência Negra, foi um perfil dessa *socialite* que havia cometido crime contra uma criança negra¹². A matéria não foi assinada, mas contraria o próprio Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística do Grupo RBS, que diz que

[bruno-gagliasso-aquela-macaca-cjah1cgod04bf01mxnssuc01e.html](https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/fotos-com-famosos-e-prisao-ligada-a-prostituicao-quem-e-a-socialite-que-chamou-filha-de-gagliasso-e-gio-ewbank-de-macaca-cjak3zgpo005y01mwwhlp6bk8.html)>.

¹² Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/fotos-com-famosos-e-prisao-ligada-a-prostituicao-quem-e-a-socialite-que-chamou-filha-de-gagliasso-e-gio-ewbank-de-macaca-cjak3zgpo005y01mwwhlp6bk8.html>>.

“Os veículos do Grupo RBS não tratam criminosos confessos e condenados como celebridades cuja abordagem possa se transformar em mau exemplo para sociedade.” (GRUPO RBS, 2011).

Um dia depois da publicação do perfil, o site publicou uma matéria na qual a socialite reconhecia que havia sido racista¹³, mas não fez nenhum tipo de atualização na matéria do perfil. A atitude vai ao encontro da desqualificação do racismo enquanto crime, pois o próprio site não trata a *socialite* como criminosa. Esse caso demonstra outro aspecto presente na cobertura do racismo pelo site *GaúchaZH*, o “complexo do *branco salvador*”¹⁴.

O complexo do *branco salvador* é um termo utilizado primeiramente para se referir às pessoas brancas que vão para países africanos fazer trabalho voluntário e tratam pessoas negras de países de África como parte de uma paisagem, principalmente crianças negras em situação de miséria como seres exóticos. Neste texto, o termo é referido no sentido de pessoas brancas sentirem que precisam “salvar” negros e falar por eles, enquanto intelectuais negros que discutem racismo desde sempre não são visibilizados.

¹³ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/mulher-que-chamou-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-de-macaca-admite-que-fez-comentarios-racistas-cjalsituu00bm01qa2qx92nx2.html>>.

¹⁴ Disponível em:

<<https://mundonegro.inf.br/complexo-do-branco-salvador-guia-pede-para-turistas-pararem-de-pagar-mico-em-fotos-na-africa/>>

¹⁵ Não que isso seja o suficiente para que o negro em questão ganhe espaço para produzir uma coluna ou que seja feito uma reportagem com profundidade.

Esse aspecto aponta para a prática de que não há negros falando sobre a questão do racismo no Brasil na imprensa, a não ser que sejam famosos e que tenham sofrido diretamente com isso¹⁵. Entretanto, o site, durante o mês da Consciência Negra abriu espaço para que brancos falassem dos males do racismo. Foi o caso da coluna de opinião falando sobre os privilégios de ser branco¹⁶ e a matéria da atriz Marieta Severo, em entrevista, falando “dói saber que meu neto apanha de segurança por ser negro”¹⁷ que teve essa fala como título do texto. Outra jornalista escreveu sobre os privilégios de se nascer branco e sobre o racismo no Brasil. Importante ressaltar, porém, que a perspectiva do texto é nacional, sem referir a questão do racismo para o estado.

Novamente, o caso de Titi se encaixa neste contexto. Os pais de Titi que são brancos tiveram um relevante espaço midiático em comparação a pessoas negras que sofreram racismo diretamente. Titi é uma criança e, por isso, nem tem espaço de fala neste caso e seus pais a representam, levando o debate adiante e tratando o racismo em questão como o que é: crime¹⁸. O problema é a desigualdade na cobertura de casos de racismo quando as partes que acusam o crime são pessoas negras,

¹⁶ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/julia-dantas/noticia/2017/11/o-privilegio-e-a-cor-da-pele-cja2xxjyo066a01qgrm6situt.html>>.

¹⁷ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2017/11/marieta-severo-doi-saber-que-meu-neto-leva-tapa-de-seguranca-so-por-ser-negro-cjafm4lzx0bay01mvdum44ge.htm>>.

¹⁸ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/racismo-e-crime-e-ja-estamos-tomando-providencias-diz-giovanna-ewbank-cjah9v36e0fae01npbeymhxwx.html>>.

como no caso da ocupação da Universidade Federal de Santa Maria¹⁹.

Os casos de racismo na universidade foram noticiados em três matérias ao longo do mês e dialogam com todos os pontos da análise. Apesar de estudantes negros terem tido seus nomes escritos nas paredes ao lado de suásticas - o que provocou uma mobilização estudantil que ocupou a reitoria para que medidas fossem tomadas - o foco das matérias foram que os alunos, ao protestarem, impediram acesso dos servidores. O reitor foi entrevistado e falou sobre o problema de os alunos estarem fazendo a ocupação. O juiz que determinou que os estudantes se retirassem da reitoria após uma decisão judicial falou sobre o porquê de os estudantes não poderem estar na reitoria²⁰. A questão do racismo é abordada, basicamente, para contextualizar o motivo de os estudantes terem ocupado o local.

Portanto, é possível observar que o localismo interfere na maneira como a discussão racial é abordada no veículo. Isso porque, ao mesmo tempo em que *GaúchaZH* procura falar para as pessoas que moram ou referenciam-se no RS, nenhuma das publicações sobre racismo refere-se ao estado. Isso aponta que a questão negra do Rio Grande do Sul, apesar de ter um público local de pretos e pardos, não ganha visibilidade. O racismo só acontece fora. Os negros daqui não falam e não aparecem.

6. Conclusão

As matérias do site *GaúchaZH* com a tag racismo durante o mês da Consciência Negra referem-se a acontecimentos envolvendo apenas famosos e sempre

fora do Rio Grande do Sul, o que perpetua para a invisibilidade do debate sobre o racismo dentro do estado. Por outro lado, as publicações abordam a questão de maneira superficial e a partir das relações pessoais. Isso contribui para a manutenção de uma perspectiva de branquitude na cobertura, ou seja, para um olhar normalizado a partir do princípio de democracia racial, afastando os leitores das discussões reais e tensionamentos feitos pelos movimentos sociais negros.

Nenhuma das matérias, artigo, ou coluna, publicados ao longo do mês foram escritas por negros e quando os negros aparecem como foco, a mediação da branquitude na linha editorial enfraquece a discussão. Os negros, nas matérias, são sempre colocados como o outro da cultura. Essa distinção de *nós* - jornalistas, e *eles* - negros, se intensifica com o fato de a maioria dos casos de racismo não ter acontecido no Rio Grande do Sul, o que, se analisado de forma literal faz parecer que não há crime de racismo no estado - e nem negros.

Na cobertura, os casos de racismo são desconfigurados como crime e tratados como um equívoco de uma pessoa, representada, nestes casos, como alguém desequilibrado e polêmico. Esse tratamento faz com que os debates aconteçam apenas nas relações pessoais e não estruturais. O site não trouxe nenhuma publicação que apresentasse dados sobre as desigualdades raciais no Brasil, ou sobre os desdobramentos do racismo estrutural da sociedade.

¹⁹ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/alunos-que-protestam-contra-racismo-na-ufsm-impedem-acesso-de-servidores-a-reitoria-cjai4lfw20fei01npul2ilixg.htm>>.

²⁰ Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/apos-decisao-judicial-estudantes-desocupam-predio-da-reitoria-da-ufsm-cjamy2ei9006w01p9wy1albpd.html>>.

As matérias publicadas no mês de conscientização não diferem em nada da cobertura realizada nos outros meses. Na contramão de todo debate que tem sido pautado pelo movimento negro, principalmente por mulheres negras, não há nenhum texto escrito por uma mulher negra no ano de 2017 com essa *tag*. Os principais casos de racismo no ano ocorreram dentro do futebol, mas as notícias tinham como centro a maneira como os clubes lidariam com os “escândalos”.

A partir da análise realizada é possível afirmar ainda que o site *GaúchaZH* contribui para o silenciamento de negros e negras no Estado, de modo que todas as matérias que apontam racismo são publicadas com uma perspectiva branca, que corrobora com o discurso de vitimização e fomenta a ideia de democracia racial. Fica evidente uma discordância com a linha editorial do veículo que é um dos pioneiros em contratar jornalistas negros, mas não dá espaço para que jornalistas negros falem sobre racismo.

O jornalismo brasileiro, de modo geral, está de acordo com a ideia de branquitude apresentada por Sovik, pois não discute a questão racial no país a partir de uma perspectiva estrutural, fazendo um debate ainda incipiente sobre os crimes de racismo. A ideia de mestiçagem segue balizando as redações, fazendo com que os jornalistas, quando noticiam racismo, o fazem de maneira isolada, sem relacionar com outros fatos mesmo que ocorridos num tempo próximo, ou o aprofundar a questão.

A pesquisa mostra que, apesar de haver uma *tag racismo* no site *GaúchaZH*, as matérias apenas mostram casos de racismo, sem estabelecer uma relação entre eles e a atual situação de negros e negras no país. Além disso, o site não dá

espaço para que os próprios negros, que são vítimas, falem de sua condição, a não ser que seja para amenizar a ideia de racismo e exaltar que o Brasil, apesar de tudo, melhorou.

Referências

Alunos que protestam contra racismo na UFSM impedem acesso de servidores a reitoria. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/alunos-que-protestam-contraracismo-na-ufsm-impedem-acesso-de-servidores-a-reitoria-cjai4lfw20fei01npul2ilixg.html>>.

Após sofrer ataques racistas em redes sociais, Taís Araújo será ouvida pela Polícia Civil. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/apos-sofrer-ataques-racistas-em-rede-social-tais-araujo-sera-ouvida-pela-policia-civil-cjabkog5205w501np9yne5s93.html>>.

Após decisão judicial, estudantes desocupam prédio da reitoria da UFSM. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/apos-decisao-judicial-estudantes-desocupam-predio-da-reitoria-da-ufsm-cjamy2ei9006w01p9wy1albpd.html>>.

Ator negro é assaltado e tido como ladrão no centro de São Paulo. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/11/ator-negro-e-assaltado-tido-como-ladrao-e-espancado-no-centro-de-sao-paulo-cja5zdep5001j01pqoxl0yvvrz.html>>.

BARCELLOS, Daisy Macedo de. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre.** Rio de Janeiro, 1996. Tese de doutorado. Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. [BSCSH/UFRGS]

BERGER, C. **Campos de confronto: jornalismo e movimentos sociais - as relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora.** 1996. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação da USP, São Paulo, 1996.

BORGES, Juliana. A “síndrome do bom-crioulo”. 2018. Acesso em 16 de fevereiro de

2018. Disponível em:
<<https://www.revistaforum.com.br/sindrome-do-bom-crioulo/>>.

DANTAS, Júlia. **O privilégio e a cor da pele.** 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/julia-dantas/noticia/2017/11/o-privilegio-e-a-cor-da-pele-cja2xxjyo066a01qgrm6situt.html>>.

Estudantes e UFSM negociam desocupação do prédio da reitoria após cinco dias de manifestação. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/estudantes-e-ufsm-negociam-desocupacao-do-predio-da-reitoria-apos-cinco-dias-de-manifestacao-cjajrr64d001n01n393ngb8mz.html>>.

FELIPPI, Ângela. **O processo produtivo do jornal Zero Hora: a estratégia do “localismo”.** 2007. Revista FAMECOS, v. 1, n. 34, 2007. Disponível em
<https://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/56297_6480.PDF>.

Fotos com famosos e prisão ligada a prostituição: quem é a socialite que chamou a filha de Gagliasso e Gio Ewbank de macaca. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/fotos-com-famosos-e-prisao-ligada-a-prostituicao-quem-e-a-socialite-que-chamou-filha-de-gagliasso-e-gio-ewbank-de-macaca-cjak3zgp005y01mwwhlp6bk8.html>>.

Guia de ética e autorregulamentação jornalística/ Grupo RBS. – Porto Alegre: RBS Publicações, 2011.

HALL, Stuart et al. (1993). **A produção social das notícias: o mugging nos media.** In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.* Lisboa: Vega.

Marieta Severo: "Dói saber que meu neto leva tapa de segurança só por ser negro". 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2017/11/marieta-severo-doi-saber-que-meu-neto-leva-tapa-de-seguranca-so-por-ser-negro-cjafm4lx0bay01mvdum44ge.html>>.

MENDONÇA, Tatiana. **Kabengele Munanga: “É preciso unir as lutas, sem abrir mão das especificidades”.** 2018. Acesso em 10 de setembro de 2018. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-e-preciso-unir-as-lutas-sem-abrir-mao-das-especificidades/>>

Mulher que chamou filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso de macaca admite que fez comentários racistas. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/mulher-que-chamou-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-de-macaca-admite-que-fez-comentarios-racistas-cjalsituu00bm01qa2qx92nx2.html>>.

OLIVEN, Ruben George. **A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul.** In: LEITE, I. B. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade.* Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 13-32.

Polícia identifica autora de crime racial contra filha de Bruno Gagliasso, diz jornal. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/policia-identifica-autora-de-crime-racial-contra-filha-de-bruno-gagliasso-diz-jornal-cjainyv71000401mwkwsaap6i.html>>.

POTTER, Luciano. **Filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso é vítima de ataque racista por socialite.** 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/luciano-potter/noticia/2017/11/conexao-gauchazh-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-e-vitima-de-ataque-racista-por-socialite-cjak5smoj007k01mwj8zia20r.html>>.

PRADELLA, Michele Vaz. **Muitas polêmicas, pouca sutileza.** 2017. Acesso em 10 de dezembro. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2017/11/michele-vaz-pradella-muitas-polemicas-pouca-sutileza-cja2g2w9r01la01tbummw90vi.html>>.

RAMOS, Alberto. **Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda, 1957.

"Racismo é crime e já estamos tomando providências", diz Giovanna Ewbank. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/racismo-e-crime-e-ja-estamos-tomando-providencias-diz-giovanna-ewbank-cjah9v36e0fae01npbeymhwx.html>>.

REQUIÃO, Flávia. **Serjão Loza da tapa de luva em racismo "sou um crioulo de sorte"**. 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/flavia-requiiao/noticia/2017/11/serjao-loroza-da-tapa-de-luva-em-racismo-sou-um-crioulo-de-sorte-cj9sxt2ca00an01o88189j2fo.html>>.

Socialite ofende de forma racista filha de Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso. "Aquele macaca". 2017. Acesso em 10 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/gente/noticia/2017/11/socialite-ofende-de-forma-racista-filha-de-giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-aquele-macaca-cjah1cgod04bf01mxnssuc01e.html>>.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, branco e o branquíssimo: branquitude,**

hierarquia e poder na cidade de São Paulo. - São Paulo: Annablume, 2014.

Sovik, Liv. **A Branquitude e o Estudo da Mídia Brasileira: algumas anotações a partir de Guerreiro Ramos**. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, Bahia, 2002.

SOVIK, L. (2009) **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.

TÉTU, Jean-François. **A informação local: espaço público local e suas mediações**. In Porto, Sérgio Dayrell (org.). O jornal – Da forma ao sentido. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002, p 431-448.

Recebido em 2021-03-24
Publicado em 2022-04-01